

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 13

Tem dicto para ahí a *Lei e Ordem*, que por falta de criterio—entregue ás suas proprias forças, o *Barcellense* passará vida ignobil e desconhecida, e alfin morrerá, sem ter quem lhe rese *um pater noster*, porque, a verdadeira opinião publica, que é a rainha do mundo, e o primeiro parlamento do universo, *apupa os pasquins, que são officina de injurias*:—tem razão.

Passa-lhe isto e vem mais adiante;—o *Barcellense* tira a força e prestigio á auctoridade, divide as familias e inflama as massas e põe em continuo risco a sociedade.

Já assim amargorada torna a *pudibunda* a dizer-nos no seguinte numero:—o *Barcellense* é redigido por *doudos*, e não tem importancia, porque os seus redactores não teem aonde caíam mortos—os seus sequases são todos *uns peralvilhos, filiados na communa*.

Para demonstrar o que é, promove ao seu chefe *uma manifestação*, e pede socorro aos *arraiaes contrarios*;—mas nem assim se desengana, ainda que o resultado não a satisfaz.

O *Barcellense* promove *uma contra-manifestação*, que a assignão não só *rotos mas asseiados* e em poucos dias toma proporções capazes de fazer assustar os *spiritos fortes*.

Confessa então a *Lei e Ordem*, que a *hydra tem cem cabeças*, e que é preciso esmagá-las a todas, mas como o sangue havia de ser muito, basta-lhe para holocausto um dos redactores do *Barcellense*.

Por lei da necessidade, consultam as *Sybillas*, e alliam-se trez nações, que decidem, que se torna necessario fazer apear a *artilharia*, e pôr em debandada os *discolos*, processando o chefe e pondo-o em reclusão.

Principia a fraqueza sem poderem lograr o intento;—a *montanha pariu um ratinho*, mas tão emphesado, que só resta de si uma triste ideia.

Principiam os processos, mas abortam uns apoz d'outros, e então os redactores do *Barcellense* persuadem-se, que teem juizo, e não são *tanto nem tam pouco*.

A victoria foi-lhes facil; as fileiras criaram alento e *pudibunda* teve de dar a alma ao creador!

Deixou de si triste memoria;—*malcriada, irritada e colerica* nos seus paroxismos insultou o ceu, o mar e a terra com a profanação do *tumulo e lar domestico*.

Morreu como nasceu;—e um facto virgem perpetuará sempre a sua memoria d'abominavel execração!

Um conselheiro, um juiz de direito da primeira classe creou um periodico, não para se defender, como era natural e da sua obrigação; mas para *calumniar e cevar a sua vingança* n'um ente inoffensivo, que na jerarchia era seu igual!!

D'aquí se vê, que o *Barcellense* não tirou nem podia tirar o prestigio e a força á auctoridade;—é a propria auctoridade, que a tira a si mesmo, e que por si mesmo se desacredita.

Se o *Barcellense* mentisse, caluniasse; o *Barcellense* se destruiria a si mesmo, acontecendo-lhe o que aconteceu á *Lei da Desordem*.

Se ainda não lhe aconteceu, o que tanto se esperava e anciava, tem a sua razão de ser na orbita legal, em que se tem conservado, profligando o *crime* com dedicação e coragem, sem se involver nas *vidas privadas e na profanação dos tumulos*.

A verdade é uma só e baldado será o esforço de quem a pretender substituir pela mentira.

Depois de deshonrada, morta e enterrada a *profanadora dos tumulos e das vidas privadas*, custa a crêr, que tendo tão mal servido ao primitivo Senhor, ainda houvesse outra auctoridade, tão falta de senso commum, que chamasse ao seu serviço os homens, que mais a tinham desacreditada!!

Os factos veem em auxilio da nossa asserção;—e o que todos veem, sentem e observam, não precisa de demonstração:—a *Lei da Desordem* é a mesma sem tirar nem pôr, como fora antes de *resuscitada*—calumnias—vidas privadas—revolvimento e desprezo pelas cinzas dos mortos:—eis o seu programma!!

E como não havia de ser assim? o astro mais brilhante da *Lei da Desordem*—o principal cometa, é um *coveiro*, que habituado a despedaçar a carne e as ossadas dos mortos, e a revolver-lhes as cinzas, não duvida servir-se d'ellas e com ellas insultar os vivos!!

O jornal d'hontem é o jornal d'hoje!—

os instinctos da perversidade acompanham o *coveiro* por toda a parte, e por mais que façam para o reprimir, da-se sempre a conhecer!

A administração do concelho já está bastante desacreditada, e para se tornar odiada, não precisava de mais este elemento dissolvente da *Lei da Desordem*.

Tua alma, tua palma;—assim o querem, assim o entendem;—na verdade, só a administração do concelho de Barcellos é que podia conceber a ideia de crear um jornal com o fim não de responder sizuda e cortezmente, como exigia o cargo e a dignidade individual, a seus adversarios, mas com o fim unico e exclusivo de *os calumniar e insultar!*

Chegamos a estes tempos, em que a provocação parte dos poderes constituídos, —d'aquelles, que tendo de providenciar e julgar, e que devendo ser modelos de cordura e sisudesa são os primeiros a provocar e a desorganisar!

É falso, que o *Barcellense* tire a força á auctoridade, a auctoridade é que a tira a si proprio;—os factos demonstram esta verdade.

O sr. administrador do concelho sabe como o *coveiro* insultou a camara, de que era presidente;—como se insultou com descargas de bombas e morteiros, á sua porta, o sr. dr. Rodrigo Vellozo, constituido em auctoridade—e como se praticou o crime de se *esfaquear* os enxergões e travesseiros das snr.^{as} Roças, porque estas lho disseram!

Por outro lado, o *coveiro* sabe, como se insultaram os passageiros da *Carrilanna*, e para se não dar um conflicto internacional, como se forjaram documentos falsos—como se entrou pela porta dentro de um barbeiro com os punhos á cara—como se pronunciou a *micHELLa* por ter insultado o regedor—como das grades da cadeia se tirou um prezo, e a maneira como o delinquente foi pronunciado—como se insultaram os snrs. administradores Santos Abranches, Mendanha e Vellozo—o actual deputado ás cortes e seu pae depois de morto—e que diremos do que disse do actual sr. administrador substituto?—causa-nos nojo, e não temos coragem para o contar!!

Portanto, não é o *Barcellense*, que desacredita as auctoridades!—são ellas que desacreditam a si mesmas pela sua conducta e

pelos desgraçados exemplos, que nos dão.

Queixem-se de si, e não imputem aos outros culpas, que são suas, unicamente só suas.

Se não vejamos:—no n.º 52 do *Barcellense* emitimos a nossa opinião a respeito do actual preço por que se vende a carne:—censuramos os marchantes— a camara, e o modo de proceder do sr. administrador do concelho, e lamentamos, que se aproveitasse, como auctoridade, dos favores dos marchantes, e como auctoridade já tivesse dado o *tristissimo exemplo*, de mandar vender na praça publica carne de dous porcos, que tinham sido sangrados por se terem achado doentes!

Neste facto immoral e prevericador, em que já outra vez fallamos, não se toca, e o outro não se nega, e só se pretendeu *com infame allusão*, denegrir a nossa reputação.

Não o conseguirão;—durante a vida, temos tido a coragem de passar sem carne, sim;—mas o que até hoje não fizemos, foi vender a consciencia para tirarmos os resultados, que os *honrados* costumam tirar.

Nada temos com o facto da *partilha*—cremos mesmo que não foi deshonrosa, e que os seus auctores estavam no seu direito de a fazer:—nem todos tem a coragem para ser generosos. No que nos diz respeito, temos orgulho, em o dizer—honra-nos sobre maneira.

Os ricos se não são honrados, é porque não querem, e quando o são não se lhes fica obrigado:—já não é assim o pobre e já mais quando a necessidade o aperta:—a estes deve-lhes alguma coisa a sociedade.

Vamos aos factos:

Tinhamos chegado á pouco tempo de Coimbra, epocha, em que os marchantes resolveram, que deviam augmentar 10 rs. em cada arratel de carne.

Entendeu-se, que era grande a transição, porque nunca a carne tinha augmentado, senão aos réaes e quando muito 5 réis em arratel por uma só vez.

A este mal estar da parte dos habitantes, que sem obrar, se pronunciavam, responderam os marchantes com novo augmento de outros dez réis em arratel.

O clamor da indignação era geral, mas ninguem se movia—quando concebemos o pensamento de formar uma associação com o fim de fornecer ao publico carnes mais baratas.

Agitamos a ideia—fornecemos um trabalho, de quaes deviam ser bases da associação—e neste sentido, por meio de uma proclamação convidamos os habitantes para uma reunião na casa da camara, tendo previamente pedido auctorisação ao presidente e ao mesmo tempo a sua coadjuvação.

Compareceram diferentes cavalheiros e muitos interessados e entre estes o sr. José de Magalhães, Joaquim Antonio Paes de Villas-boas—Faria Barboza, e o presidente então da camara David de Barros.

A assembléa nomeou para presidente da associação o sr. Paes e a nós para secretario, compondo-se a meza d'outros individuos, que para o caso pouco importa saber-se.

Lembramo-nos, que o sr. Faria Barboza principiou fazendopolítica e insinuações desfavoráveis ao sr. David de Barros, e que a assembléa se manifestou desfavoravelmente.

Terminado este incidente, a mesa principiou os seus trabalhos, e adoptou, para base da discussão, o regulamento, que ahi apresentamos.

Approvado;—passou á subscrição do capital de dous contos de réis, emitido por acções de dez mil réis cada uma, subscrivendo logo a maior parte dos individuos, que se achavam presentes.

Como este processo era moroso, e complicado no desenvolvimento das differentes partes, de que se compunha o regulamento, alguns individuos, que ahi, estavam presentes e outros, que se associaram de fóra, depois de combinarem com o sr. José Eusebio, e este lhes assegurar, que a carne se podia vender mais barata, dez réis em arratel, e que por esse preço ficava com ella, resolveram arremata-la em praça, como arremataram, segundo aquella indicação.

D'aqui resultou, que um dos marchantes, o fallecido José Antonio, teve de dar duzentos mil réis a esta associação, indemnizando-a além d'isso de todas as despesas que havia feito;—e o outro, o sr. Manoel Fernandes—o Minhoto, teve de procurar a protecção do sr. Paes no que foi servido—e ambos tiveram de baixar as carnes verdes dez réis em arratel.

Assim acabou a primeira e segunda associação, sendo nós o que criamos a ideia e a opposição, sem recebermos por isso coisa alguma, sendo convidado por um dos segundos associados para receber metade, do que lhe pretencia.

Recebemos as despesas, que havíamos feito, mas essas mesmas cedemos d'ellas a favor do sr. Perestello, que nos havia prestado n'essa occasião e para aquelle fim, differentes serviços.

Todos os associados são vivos, menos um, e aqui os emprasamos para que nos digam o contrario do que levamos dito.

Talvez, de certo, eramos nós, o que mais precisavamos e obramos assim;—quando nos dará a *materiada e putrida* exemplos desta ordem?—nunca—encharque-se e venha mais alguma *outra calumnia*.

CUNHA OZORIO

A TEMPERANÇA E A PARCIMONIA NAS COMIDAS.

E' proprio dos homens grandes serem parcios, e mui temperados nas comidas:

o homem que faz do seu ventre o seu Deus vive só para si e para o luxo; ao mesmo passo que o homem sobrio e parco na comida vive para os seus semelhantes, e de bom grado lhes consagra o que consigo economiza; tendo além d'isso a grande vantagem de conservar vigorosas as forças, e podê-las empregar com mór proveito no desempenho do ministerio a que é consagrado.

Nuno Alves Pereira sendo tão valente, tão soldado, era com tudo o mais parco nas suas comidas: quando andava nas suas gloriosas campanhas do Alemtejo, como o paiz estivesse todo devastado, chegou a haver grande escacez de quasi tudo o necessario, mas elle era quem menos o sentia, e se era necessario até se privava do pão para dar ao soldado que via mais necessitado. Estando elle um dia para jantar com os da sua comitiva, chegarão cinco officiaes Inglezes, que com as suas companhias erão aventureiros em Portugal, e como se queixassem da falta que havia de mantimentos, convidou-os logo o Condestavel para comerem com elle; elles escusarão-se: não tinha então o Condestavel mais de cinco pães, obrigou-os a tomá-los, o que elles fizerão, comendo-os logo, mesmo de pé, pela grande pressa que levavão; e o Condestavel não comeo senão algumas viandas mal cozinhadas sem pão, e disse com satisfação: «Nunca comi guizado mais do meu gosto.»

Havendo alguns annos que a Imperatriz D. Leonor, filha d'El-Rei D. Duarte de Portugal, era casada com o Imperador Frederico III sem ter d'elle filhos, aconselhárão-lhe os medicos que usasse de vinho, para lograr a desejada fecundidade. Ao que ella respondeo com graciosa modestia: «Oh que parecerá beber eu sendo mulher, e Portugueza; não bebendo o imperador sendo homem e Allemão!

D. Fr. Bartholomeo dos Martyres era tão atáigo de temperança na comida, que o maior desgosto que se lhe podia dar, era porem-lhe na mesa muitas iguarias, affrontava-se, gemia, não comia; e pelo contrario entrando em parte, onde acertava achar falta, ou aperto, ali comia de boa vontade, e notavelmente se lhe enxergava achar gosto e sabor no que lhe davão.

«Indo um dia em visita não se achou um pão de trigo para a sua mesa, havendo abundancia de tudo o mais: pediu que lhe trouxessem uma boroa, (assim chamão por aquellas partes ao pão de milho) e não só comeo d'ella, mas servio-lhe de salsa, e appetite para comer Lemdo mais, confessando que só nella achára gosto, por ser mantimento de pobres, grosseiro e não mimoso.»

Amor da Patria

Heroico exemplo de Amôr da Patria foi o que deu o Infante D. Duarte, bem semelhante, se não superior, ao que outr'ora dera o Infante D. Fernando, quando ficou escravo na Barbaria. Estava elle militando em Alemanha quando em Portugal foi alevantado por seberano seu Irmão D. João IV: sabia a Côte de Madrid de quanta importancia seria a união d'estes dous irmãos, e porque mui bem conhecia sua pericia militar, e mais partes que nelle concorrião, antes de se tocar caixa contra os que chamavão rebellados, despachou correios secretos com ordens, para que o Infante fosse logo preso. Estas ordens, pôsto que contrarias a todas as leis da boa fé, e do direito das gentes, fôrão aleivosamente executadas, e o Infante foi encerrado no castello de Milão, onde acabou seus dias não sem grave suspeita de serem encurtados pela refalsada politica d'aquella Côte.

Quando elle se achava naquella prisão, houve arbitrios em Madrid de o offerecerem a Portugal, e de o entregarem em troca de Angola, cuja possessão muito convinha aos Hespanhoes para d'aí tirarem escravos, que desenterrassem o ouro das suas minas de Potossi. Mas como esta noticia chegasse aos ouvidos do Real Prisioneiro, teve elle industria para minar os muros do Castello, e por debaixo da terra escrever uma carta, que de Veneza veio á Haya, Côte de Hollanda, e da Haya passou a Lisboa. E que continha aquella carta? Dizer e protestar a seu Irmão o generoso Infante, que nenhum torrão de terra conquistada com sangue dos Portuguezés se desse pela sua liberdade, nem pela sua vida. Assim estava desde a sua prisão defendendo as terras de Africa, e avaliando em tanto preço as gotas do sangue Portuguez, duzentos annos antes derramado nellas.

Este caso é referido pelo Padre Antonio Vieira, o qual diz ter elle mesmo visto e lido a Carta de que se faz menção.

NOTICIARIO

A' caridade—Imploramos a caridade dos corações bem formados a favor do infeliz Antonio da Costa Miranda, Pintor, da Rua Nova desta villa, que se acha impossibilitado de trabalhar por molestia, vendo-se por isso reduzido á maior penuria, tendo de mais a mais mulher e filhos, ainda criancinhas, quasi perecendo á fome.

Tiro—Está ferido gravemente n'um braço o sr. José Pereira da Silva, da freguezia de Rio Covo, irmão do nosso amigo, o sr. dr. Miguel Pereira da Silva.

O sr. José Pereira da Silva estava conver-

sando com uma irmã do sr. Antonio José da Fonseca, e este estava por detraz d'uns feijões com uma arma de dous canos, carregados com chumbo, á espera talvez da sua victima, quando os namorados ouviram o estalar de um phosphoro d'armade fogo, de que não houve explosão.

Retiraram-se, e poucos passos tinham dado, e ouviu-se então o tiro, que foi empregar-se no braço do sr. Pereira da Silva.

Este está-se tratando em casa de seu irmão e a justiça procede nas suas averigações.

Este facto revela malvadez do perpetrador, que é merecedor de severo castigo:—assassino selvagem.

Fallecimento—Falleceu, no sabbado passado, o nosso amigo, o sr. José Maria Fogaça, desta villa.

A existencia do sr. Fogaça era uma maravilha, e em coragem ainda ninguem o excedeu.

Com os pulmões desfeitos—fontes abertas nas pernas, cheio de dores arrastou uma existencia precaria, que affim o levou ao tumulo, estando quasi entrevado nos ultimos tempos.

Tinha uma grande penetração e intelligencia, e entretinha com a sua conversa.

O seu enterro foi simples—4 pobres pegaram ao caixão, e outros 4 allumjaram, e assim desceu á campa com o chamado responso de sepultura.

Tomamos parte na sentida dôr de sua excellentissima familia e d'aqui lhe enviamos nossos sentidos pesames.

Um favor, que pedimos ao sr. administrador—Esperamos não receber recusa, ainda que nos faça o que lhe vamos pedir por ser o principio de paga de muitos outros que nos deve.

Sabe, que na quarta-feira da semana que se segue, responde em audiencia crime a sr.^a Mariquinhas, por ter insultado o seu regedor da villa, e no sabbado da mesma semana respondemos nós. E' natural, naturalissimo que se interesse no seu livramento, e que por isso tenha de pedir a protecção aos srs. jurados. Como os tem de incommodar e tem, tanto faz por um como por dous—peça tambem por nós, que nós lhe faremos tambem o que podermos:—sim?

Se fallamos na sr.^a Mariquinhas, é porque entendemos, que não é vida privada, e se pôde fallar d'ella por pertencer á dissoluta:—explicamo-nos bem.

Sabbado 23—E' este o dia do julgamento da querella, intentada pelo Min. Pub. contra o *Barcellense* por falta de habilitação legal, e é réo d'este horroroso crime, d'este attentado contra a pudicia das leis o redactor e proprietario d'esta folha.

Parece que o pobre diabo não correrá muito risco, porque no dia 24 é o dia de S. Bartholomeu, e segundo o adagio, costuma andar o diabo solto.

Por conseguinte, se na vespera, que é o dia do julgamento, o tal redactor levar *grinaldas e flores* e enfeitar com ellas o *juiz recto e imparcial*, mesmo como um *boi bento*, o diabo antecipa a jornada, vem de vespera e toma conta d'elle, e *babau, sr. doutor*, ficamos sem divertimento.

E' possivel acontecer isto, mas confiemos na providencia, que faz tudo pelo melhor.

Ainda não lembrou—A tal exorbitancia chegou a cobiça com que o Imperador Vespasiano carregou de tributos seu povo, que até na immundicie das ourinas lançou tributo; que estranhando muito o Principe seu filho, esperou o Imperador a occasião em que os seus ministros lhe trouxerão quantidade de dinheiro d'aquella linta, e recebendo-o pegou

em uma mão cheia de moedas, e as deu a cheirar ao filho; perguntando-lhe, se lhe cheiravão mal, e respondendo elle, que não, continuou o pai—*At quae haec eluvies est*. Pois na verdade, que este é o dinheiro da ourina, e tambem a mim me cheira muito bem. Lembremos aos nossos Vespasianos este novo genero de tributo; é uma boa verba de receita, com que se pôde salgar mais o povo. *A'vante!!!*

Communismo em Christello—Para honra e gloria do famigerado abbade de Christello, lá se vai propagando o *communismo*, que tem por corypheos os favoritos da mesma reverendissima *personagem*. De ha muito estavam lançados os germens, que hoje se vão desenvolvendo e crescendo nos corações d'aquelle povo, que, desnordeado, se arroja na torrente precipitada.

Causa dô ver-se abusar da boa fé de povo ignorante e rude, para o arrastar no meio de mesquinhas e desenfreadas paixões!

A' greve, que houve contra as esmoladas da confraria do SS. Sacramento, segue-se uma representação d'alguns amigos *vermelhos* do abbade, para a extincção da mesma confraria! E qual será o resultado? talvez a *liquidação* dos seus bens. E depois? como em Pariz e Alcoy, o *petroleo*...

Ora, sendo assim, perguntamos: são ou não *communistas* todos elles, principiando pelo abbade?

Logro engraçado—Paschoal Paes foi celebre pelas travessuras, e peças que fazia. Querendo faser uma a certa tendeira mui rica, que morava no Paço do boi formoso, passou pela tenda, e perguntou se tinha pó de caruncho. Pó de caruncho! respondeo ella, nunca tal vi.

Passados alguns dias, mandou a outra pessoa fazer-lhe e mesma pergunta, e continuou nesta diligencia dez, ou doze vezes. Depois ajuntou um alqueire de caruncho, e metido em um sacco, mandou por um moço perguntar-lhe, se queria comprar um alqueire de pó de caruncho. Como a boa da tendeira via, que o pó de caruncho havia dias era tão procurado, ajustou-o por uma pataca.

Paschoal Paes assim que a recebeo, trocou-a em vintens, e meios tostões, e não passava rapaz pela rua, que não chamasse, e mandasse á tenda a comprar pó de caruncho. Gasta a pataca, encheo tres saccos, e foi ter com a tendeira a perguntar-lhe, se queria aquelle caruncho. Como ella tinha visto, que não tivera mãos a medir no outro, que se lhe tinha acabado, estimou a occasião, e ajustou os tres saccos em cinco moedas, por muita adherencia: Depois de o comprar perguntou-lhe: senhor, de que serve este pó de caruncho! é admiravel cousa para o estomago, respondeo elle, e foi-se embora, deixando a tendeira mui contente, na supposição de que dobraria duas vezes, ou tres o seu dinheiro, porém a pobre da mulher ainda hoje teria os tres saccos de caruncho em casa, se o marido o não deitara fóra, moendo-a primeiro sem alma com um chicote.

O camponez e as cabeças de burro—Tendo vindo pela primeira vez a Paris certo camponez, notou que entrava muita gente n'uma loja aonde não via vender fazenda alguma. Movido de curiosidade, entrou no momento em que o dono se achava só, e lhe perguntou, com um ar muito ingenuo, o que era que elle vendia!—O cambiista, conhecendo a simplicidade do rustico, respondeo muito serio: *vendo cabeças de burro*.—*Sim?* exclamou o camponez, *então tem vmc.^e feito hoje grande negocio, visto que já lhe não resta senão uma na sua loja.*

Echos celebres—Um dos mais notáveis é o do parque de Woodstock na Inglaterra, que repete 17 syllabas. O de Simometa, perto de Milão, repete 40 vezes o mesmo som. A tres leguas de Verdum ha um echo que repete 12 vezes a mesma palavra. E' produzido por duas torres, distantes uma da outra 27 metros. Addison affirma, que observou na Italia um echo, que repetia 56 vezes o estrondo do tiro de uma pistola.

O almirante Wrangel menciona nas suas obras um echo verdadeiramente extraordinario, que observou no norte da Siberia, em um local, em que o rio Lena corre com grande impetuosidade entre rochedos, tendo a altura de 170 metros. O som de um tiro de pistola repete-se n'este local mais de 100 vezes. As detonações succedem-se como uma descarga de fuzilaria.

São tmbem curiosos os echos devidos á forma e construcção de certos edificios. No Conservatorio das Artes e Officios em Paris ha um muito notavel. Quem se collocar em um dos angulos de uma grande sala quadrada, pode conversar em voz baixa com outra pessoa situada no angulo opposto, sem a conversação ser ouvida no resto da sala.

Vitruvio affirma, que em muitos logares da Grecia e Italia se dispunham com arte nos theatros vasos de bronze, para tornar mais clara e sonora a voz dos actores. Dionysio, tyranno de Syracusa, mandou construir junto do seu palacio vastos subterraneos, imitando o orgão da audição. Do seu quarto de dormir, o tyranno ouvia tudo o que diziam os desgraçados, que mandava encarcerar nos subterraneos. Os artistas que construíram tão vasto aparelho acustico, foram mortos, para não divulgarem o segredo da construcção.

● **carvalho**—Nas florestas da Europa é o rei da vegetação. Não ha arvore que ostente tanto vigor e offereça aspecto tão magestoso. E' o emblema da força e da constancia. Póde crescer até 40 e 50 metros, e a sua duração excede ordinariamente 2 e 3 seculos. Algumas especies dão fructos doces, como as castanhas, de que o homem se nutre, como succede na Grecia, na Hispanha, e em muitas regiões da Africa e Asia. A maior parte, porem dá bolota de sabor amargo, que só é propria para o gado suino e outros animaes.

Esta arvore preciosa, além da sua magestosa corpulencia e grande longevidade, dá excellente madeira de construcção, muito empregada na carpintaria, marcenaria e esculptura. Nos lagares, moinhos, carros, e outros instrumentos agrarios é muito usada. A sua rama póde servir de pasto arboreo. A casca é de grande prestimo no cortimento dos couros, no aquecimento das estufas, e na preparação de muitos productos.

Esta arvore era consagrada a Jupiter. Os povos antigos prestavam-lhe grande veneração, consultando-a como oraculo, levantando altares no meio das suas florestas, e cantando os druidas, á sua sombra hymnos sagrados.

Entre os gregos e romanos, um ramo de carvalho tecido em forma de coróa, foi sempre considerado como a mais bella recompensa que se podia offerecer á virtude e ao merecimento; e o cidadão que merecia esta distincção considerava-se mais nobre e honrado, do que os contemplados com os maiores favores dos reis.

Pesca do atum—Esta pesca era conhecida na mais remota antiguidade. Em Bysancio e na Hispanha constituiu grande fonte de riquezas. A figura d'este peixe apparece nas medulhas bysantinas, italia-

nas e hespanholas. Os gregos consagraram-no a Diana, e a sua carne era muito estimada. Em Carthago era de uso nacional comer atum no dia de nupcias. O poema de Oppiano sobre a pesca d'este peixe foi magnificamente recompensado pelo imperador Caracala.

A importância d'esta industria diminuiu muito na idade media. No seculo 17.º porém recuperou grande actividade, e actualmente está em grande voga na Catalunha, na Provença e na Italia. Em Portugal, na provincia do Algarve ainda se pesca grande quantidade de atum; mas antigamente era muito mais valiosa esta industria. Ha quem affirme, que o fundo do mar se tem elevado no litoral do nosso paiz, principalmente desde o terramoto de 1755, que arrojou das costas de Africa para as da Europa immensa quantidade de areias. Se isto é verdade, não admira, que o atum tenha fugido das costas de Portugal, porque não póde viver senão a 30 e 40 metros de profundidade. Talvez que esta mesma causa tenha influido na diminuição de outras especies de pescaria. Antigamente havia muita mais abundancia de peixe nos mercados do nosso paiz, e os pescadores eram muito mais felizes na sua industria. Parece que o peixe va escasseando nos mares de Portugal.

ANNUNCIOS

VENDE-SE



Uma morada de casas com bom quintal e arvores de fruta, e mobilia, sitas em Fão. Quem as pertender fale na mesma casa com a viuva do fallecido Joaquim Borda na rua das Pedreiras.



O relojociro—Manoel José da Silva Lage, tem um bom relógio novo de torre, com oito dias de corda, que, em vista do seu bom regulamento, o vende por um preço commodo; e garante o seu bom regular.

Quem pertender comprar, e o quizer vêr, pode dirigir-se á sua officina na rua Direita em Barcellos.

MACHINAS DE COSTURA

DE SINGER

Vende-se em casa de Manoel Pereira Leite de Carvalho desta Villa no Campo da Feira, assim como agulhas e al-gudões de cores proprias para as mes-mas. Preço commodo. Ensino Gratis.

ALUGA-SE

Do 1.º de Setembro em diante a caza da rua da Estrada, onde está o Collegio de S. José; tem muitos commodos e grande quintal.

PROGRESSO MARITIMO DO PORTO
Empresa portuense de navegação a vapor

Entre Portugal e a Costa do Brazil
Para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, com
escala para S. Vicente
Vapores portugueses



Espera-se brevemente o novo e magnifico vapor de 1.ª classe (a 100 no lloyds)

JULIO DINIZ

Commandante—J. J. RODRIGUES CONTENTE
Sahirá deste porto para os portos acima, impreterivelmente, no dia 26 de julho

Este vapor construido nas melhores condições, com especialidade para poder entrar e sair a barra d'este porto, offerece, além das excellentes commodidades para os srs. passageiros de todas as classes, a vantagem de sahirem d'aqui directamente para os portos acima mencionados, evitando-lhes o incommodo de irem a Lisboa e de fazerem a menor despeza.

A comida será abundante e variada, feita por cozinheiros portuguezes, servindo-se vinho de meza, escolhido no Douro, aos passageiros de todas as classes, sem augmento dos preços das passagens.

Os passageiros de 3.ª classe tem cama, roupas, louças e utensillios de meza.

Para mais esclarecimentos, assim como para carga e passageiros, dirigir-se ao escriptorio da gerencia. Rua dos Ingleses n.º 42, ou ao Agente nesta villa—João Antonio da Costa Guimarães.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA DO BARCELLENSE

Assigna-se em Barcellos no escriptorio no Campo da Louça, na frente do Norte.

Preços:

Por trimestre 420 réis—Franco de porte 360 réis—Numero avulso 30 réis.

No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 30 réis por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 50 por cento;—annuncios repetidos 15 réis.

Toda a correspondencia deve vir franca de porte, legalisada e subscriptada á Redacção do BARCELLENSE.

Para os srs. assignantes quando seja d interesse publico será inserida gratuitamente.

RESPONSAVEL

José Joaquim Lopes da Silva

BARCELLOS:—Typ. do Barcelense

CAMPO DA LOUÇA N.º 11.